



Contação de história e ensino remoto: desafios e possibilidades na formação de leitores durante a pandemia da covid-19

Storytelling and remote teaching: challenges and possibilities in reader training during the covid-19 pandemic

Aparecida Suiane Batista Estevam^(a); Diana Maria Leite Lopes Saldanha^(b)

^a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – suianeprof21@gmail.com

^b Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – dianalsaldanha@yahoo.com.br

Resumo: No presente artigo discutimos acerca dos impactos da pandemia da Covid-19 na formação de leitores por meio da contação de histórias durante o ensino remoto, com foco nos desafios e possibilidades encontrados por duas professoras do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, de uma escola pública de Pau dos Ferros/RN. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo de campo e utiliza como técnica para a coleta de dados o questionário e a entrevista coletiva. Utiliza uma fundamentação teórica com base em autores como Alves (2020); Amarilha (2012); Busatto (2012; 2013); Bezerra (2020), dentre outros, que discorrem sobre as tecnologias e a contação de histórias, suas características e contribuições para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Os resultados indicam que, apesar dos desafios, a contação de histórias e a mediação de leitura foram adaptadas criativamente para formar leitores, despertando seu prazer pelo universo fabuloso da literatura. Ademais, os dados apontam para a importância do papel do professor enquanto mediador, dado que durante o ensino remoto as professoras atuaram como facilitadoras do encontro dos alunos com as histórias através de diferentes técnicas e recursos digitais. Concluímos que, a partir das práticas de leitura desenvolvidas no contexto remoto, há a necessidade de investimento em novas políticas públicas que oportunizem um maior suporte e preparo técnico e humanizado para atender às demandas tecnológicas e pedagógicas que permeiam a docência.

Palavras-chave: Contação de histórias. Mediação literária. Ensino Remoto. Formação de leitores.

Abstract: In this article, we discuss the impacts of the COVID-19 pandemic on the development of readers through storytelling during remote learning, focusing on the challenges and possibilities encountered by two elementary school teachers at a public school in Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte. The research is qualitative, field-based, and uses questionnaires and group interviews as data collection techniques. It uses a theoretical foundation based on authors such as Alves (2020); Amarilha (2012); Busatto (2012; 2013); Bezerra (2020), among others, who discuss technologies and storytelling, their characteristics, and contributions to the development of a

taste for reading. The results indicate that, despite the challenges, storytelling and reading mediation were creatively adapted to train readers, awakening their pleasure in the fabulous universe of literature. Furthermore, the data point to the importance of the teacher's role as a mediator, given that during remote teaching, teachers acted as facilitators of students' encounters with stories through different techniques and digital resources. We conclude that, based on the reading practices developed in the remote context, there is a need to invest in new public policies that provide greater support and technical and humanized preparation to meet the technological and pedagogical demands that permeate teaching.

Keywords: Storytelling. Literary mediation. Remote teaching. Reader training.

Introdução

Com a pandemia da COVID-19, o ensino foi forçado a uma rápida transição do espaço presencial para o remoto, o que trouxe desafios significativos para o processo de ensino-aprendizagem e para a formação de leitores. A prática de mediação literária, essencial para o desenvolvimento do gosto pela leitura e do senso crítico, precisou ser reconfigurada para atender a um novo formato que limitava a interação física e direta entre professores/mediadores de leitura e alunos/leitores. Essa reconfiguração impôs desafios adicionais aos educadores, que se viram obrigados a adaptar suas práticas de contação de histórias e mediação da leitura aos ambientes digitais, muitas vezes sem preparo prévio para o uso de plataformas tecnológicas.

Nessa perspectiva, a literatura presente nas histórias, contos, lendas e poemas tornou-se indispensável para: enfrentarmos o medo - do vírus, da morte, do desemprego, da fome, da miséria, pegar emprestado dos personagens sua força e grandeza, ajudando-nos a acreditar em dias melhores e conceder o direito de sonhar, fantasiar e desconectar-nos da dura realidade em que estávamos inseridos - uma experiência frequentemente difícil de ser vivenciada em rotinas "normais", considerando as várias atribuições que assumimos cotidianamente.

Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva de modo geral, investigar os impactos da pandemia de COVID-19 sobre as práticas de mediação literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De forma específica, intenciona: identificar os principais desafios enfrentados por duas professoras de Ensino Fundamental - Anos Iniciais no desenvolvimento de práticas de leitura e contação de histórias na modalidade remota durante a pandemia da Covid-19 e apresentar algumas estratégias apontadas pelas docentes para adaptar atividades de leitura que, em contexto presencial, ocorriam com regularidade e envolvimento emocional.

Para tanto, o trabalho configura-se como sendo de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo, na qual foram aplicados questionários e realizada uma entrevista coletiva com professoras atuantes no Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma escola pública do município de Pau dos Ferros durante o período da pandemia da Covid-19. A pesquisa de campo ocorreu na Escola Estadual “País das Maravilhas”, nome fictício adotado para preservarmos a identidade profissional das colaboradoras. Essas, por sua vez, nomeamos de **Alice** e **Pollyanna** (nomes fictícios) professoras do 1º e 3º ano, respectivamente.

O estudo fundamenta-se teoricamente em autores como: Alves (2020); Amarilha (2012); Busatto (2012; 2013); Bezerra (2020), dentre outros, a fim de compreender as experiências, percepções e estratégias das professoras acerca da contação de histórias, revelando não apenas os desafios enfrentados, mas também as práticas criativas desenvolvidas para engajar os alunos na leitura, mesmo em ambientes remotos e com acesso tecnológico limitado.

Portanto, a partir das falas das professoras, foi possível identificarmos as principais dificuldades enfrentadas, como por exemplo, o acesso limitado dos alunos à internet e a falta de preparo técnico dos docentes para o uso de tecnologias digitais. Tal análise, evidencia a importância da contação de

história como um recurso que, além de promover o aprendizado, fomenta o gosto pela leitura, incentivando o desenvolvimento de um leitor crítico e autônomo.

Tecnologias e contação de histórias: reflexões sobre a formação de leitores durante a pandemia da Covid-19

A pandemia da COVID-19 entrou para a história como um acontecimento inominável, cujas consequências marcaram profundamente a humanidade. No que tange ao contexto educacional, a partir de março de 2020, os órgãos governamentais que regem a educação brasileira, embasados no Decreto Legislativo Nº 6 de 2020¹, que reconhece o estado de calamidade pública no Brasil, estabeleceram medidas provisórias, portarias, leis e resoluções (que eram atualizadas frequentemente) a fim de regulamentar o ensino e as atividades pedagógicas da Educação Básica e ensino superior nos sistemas de ensino durante a pandemia (ALVES, 2020).

Dessa forma, tendo em vista o contexto de calamidade pública e a realidade do ensino mediado pelas tecnologias como uma alternativa para amenizar os impactos negativos no âmbito educacional durante a pandemia da COVID-19 é possível afirmar que,

As práticas de educação remota cresceram no mundo todo por conta da pandemia e se caracterizam por atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas [...].

Na educação remota predomina uma *adaptação temporária* das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas, sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais [...] Esses professores estão tendo que customizar os materiais para realização das atividades, criando slides, vídeos, entre outros recursos para ajudar os alunos na

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/DLG6-2020.htm Acesso em: 22 jan. 2020

compreensão e participação das atividades [...] (ALVES, 2020, p. 58, grifo nosso).

De acordo com a autora, o processo de ensino-aprendizagem passou a acontecer de forma remota, por meio de encontros virtuais com a presença do professor e alunos conectados ao mesmo tempo (atividades síncronas) e realização de atividades sem a necessidade da conexão em tempo real com o professor e alunos (atividades assíncronas).

Mas afinal, o que efetivamente mudou no processo educativo dos sujeitos durante a pandemia? Mudou as formas de interação, pois o tempo e o espaço para aprender foram reconfigurados. Além disso, professores e alunos foram desafiados a aprender novas habilidades e a reinventar-se, principalmente os primeiros, pois como bem salientou Alves (2020), os educadores precisaram, por exemplo, reorganizar rotinas; adaptar suas casas/ambientes de trabalho; fazer gestão de tempo; adequar metodologias; adotar novos recursos (plataformas digitais, jogos virtuais, leituras interativas, áudios, vídeos, dentre outros); e buscar novas estratégias para tornar os conteúdos atrativos e compreensíveis para os alunos.

A mudança brusca do ensino presencial para o remoto em virtude da Covid-19 forçou aos professores do mundo inteiro à adaptação e reconfiguração do modo de mediar a leitura literária, a formação de leitores. O trabalho, que não era fácil, tornou-se ainda mais desafiador em vista do “pouco tempo” para pesquisar, estudar e praticar o uso de plataformas e aplicativos digitais que contribuíssem com a interação e a formação do gosto pela leitura dos alunos.

Em vista disso, tais possibilidades/alternativas encontradas ao longo desse percurso buscaram atenuar os impactos negativos dessa retirada brusca dos alunos do ambiente presencial/físico da escola, mas, por outro lado, sabemos que o número de escolas que dispõe e não dispõe de boas

estruturas e equipamentos, de professores mais e menos preparados para atuar no ensino remoto e de estudantes que tem e não tem uma boa conexão de *internet* é desproporcional, o que acaba por evidenciar as desigualdades entre as camadas sociais e as escolas (RIBEIRO, 2020).

Por conseguinte, sabendo que a literatura é um direito, uma necessidade básica e um caminho seguro para o exercício da imaginação e criatividade, o que favorece ao leitor fugir da realidade e imergir no universo fabuloso das histórias é que acreditamos na relevância da prática de contação de histórias para o fomento do gosto pela leitura e para a formação de leitores durante o período de enclausuramento forçado pela pandemia da Covid-19.

As práticas de contação de histórias enquanto recurso lúdico que pode favorecer a formação de leitores críticos e maduros - leitor capaz de ler, interpretar, atribuir sentido à leitura e ressignificá-la, quando possível - não podem ser trabalhadas esporadicamente pelos professores, mas todos os dias. Os educandos têm diariamente, a necessidade de obter respostas para suas perguntas, satisfazer desejos e fantasias, compreender o mundo, a si e ao outro, resolver problemas e se encorajar para vencer as dificuldades. Outrossim, o ato de contar histórias não pode ser reduzido a uma ação mecanicista, realizada com fins meramente didáticos, cujo objetivo maior é a realização de atividades superficiais que limitam e tornam as interpretações homogêneas.

Nesta perspectiva, narrar uma história é organizar o mundo por meio da memória individual. A partir da acumulação e organização de vivências não necessariamente experimentadas é possível imaginar e retransmitir ideias, sentimentos, subjetividades e saberes adquiridos na experiência de vida, na leitura, no universo simbólico (FARIAS, 2011). Sendo assim, é possível afirmar que a narrativa se configurou, ao longo do tempo, uma forma de construir cultura; a oralidade, o principal meio para propagar as histórias,

visto que, “[...] por muito tempo a fala foi o único veículo condutor do legado cultural para as gerações futuras [...]” (BEZERRA, 2020, p. 165); e o contador de histórias, o sujeito capaz de reproduzir os saberes adquiridos por meio da oralidade.

Segundo Busatto (2012) existem três vias que não podem ser desconsideradas na hora de narrar uma história: ritmo, intenção e imagens. O ritmo é o que dar musicalidade e harmonia à contação de histórias, isto é, refere-se à capacidade do narrador adaptar sua voz (timbre, altura, velocidade) às situações do texto e compreender os momentos das pausas e silêncios, dando vida e movimento à narrativa.

A intenção, por sua vez, se relaciona ao que o texto quer passar para o leitor, o que o narrador deseja despertar nos ouvintes, o que não precisa está explícito nas descrições exageradas, mas através da intenção desejada, aquele que conta, se expressa com emoção e acaba por modificar a entonação da voz, permitindo aquele que escuta interpretar o que está nas entrelinhas. E por fim, as imagens, que estão associadas às descrições oferecidas pelo texto (imagens verbais), aos sons que aparecem na narrativa, como as onomatopeias (imagens sonoras) e aos movimentos que são criados espontaneamente para enriquecer a contação (imagens corporais) (BUSATTO, 2012).

Todos esses elementos atuam em conjunto e fazem da narrativa um momento singular e uma atitude multidimensional, no qual é possível incentivar a leitura, despertar o gosto pelas histórias, valorizar culturas, estimular o imaginário e a criatividade, sensibilizar o ouvinte/leitor, alimentar o espírito e manter viva as memórias de um povo.

Nesta perspectiva, no que diz respeito a mediação da leitura e a formação de leitores, a realidade emergencial da pandemia impôs desafios à maioria dos professores, dado que tiveram de se reinventar, buscar formações e

usar plataformas e aplicativos digitais para mediar o contato dos alunos com a leitura literária em um espaço pouco explorado por muitos deles, que é o universo digital. Logo, a arte que exigia o contato físico, o olhar e a interação afetiva entre contador/narrador e ouvinte/leitor foi adaptada e realizada de modo virtual (síncrono ou assíncrono), com a presença de imagens interativas, sons, *gifs*, figuras e palavras digitadas em várias cores, tamanhos e formatos.

De acordo com Busatto (2013, p. 117), “A narração oral no meio digital é uma outra representação, uma organização híbrida em constante mutação. Não é fixa, nem autoritária [...]”. Isso porque tal produção é transformada por um conjunto de pessoas - músicos, programadores, ilustradores - que colaboram com o resultado final da narração, ou melhor, com a construção de uma nova história. Quanto a adaptação da contação de história para o ensino remoto, foram os professores, em sua maioria que tiveram de fazer tais funções, iniciando pelo processo de gravar e editar a própria imagem.

Segundo Busatto (2013), é essa edição que colabora com a construção de uma nova história, pois ao adicionar, retirar e/ou ajustar elementos como sons, músicas, imagens e textos, o professor/contador/narrador/criador de novas leituras, produzem sentidos a partir da articulação desses signos com os novos significantes do sistema. No entanto, para Busatto (2012), seria importante que a contação de histórias fosse performática em tempo real, propiciando interação entre narrador e receptor, pois assim, a qualidade da narração no meio virtual seria garantida.

Em face disso, podemos compreender que independente do suporte pelo qual a contação de histórias acontece, “[...] a figura do contador de histórias continua sendo a ponte que une o ouvinte ao conto. Esteja ele ao vivo, na frente do ouvinte, ou na tela do computador é o personagem mágico capaz de propor uma viagem por mundos nunca antes explorados.

[...]” (BUSATTO, 2013, p. 122). É preciso que haja esse narrador para que a história ganhe vida, sentido, dado que, através da sua performance, gestos, expressões faciais, ritmo da voz e do corpo, somos convidados, na maioria das vezes, a entrar no universo ficcional e exercer nosso direito de imaginar, fantasiar.

Nessa perspectiva, compreendemos que para acompanhar as transformações da sociedade, esta arte secular teve de se reinventar e adaptar-se as exigências da modernidade. No quadro abaixo, sintetizamos algumas das principais diferenças existentes entre a contação de história mediada em formato presencial (com o contato e interação física entre narrador/contador e público) e virtual (síncrono ou assíncrono, cujo contato, a depender da forma de interação, poderá ser limitado ao envio de mensagens de textos via *chats*).

Quadro 1- Diferenças existentes entre a contação de história mediada em formato presencial e virtual de acordo com Busatto (2013)

	A contação de história mediada presencialmente	A contação de história mediada virtualmente
Tempo	Narrador e leitor encontram-se juntos em um mesmo espaço compartilhando a experiência estética de uma obra literária. É um tempo real.	Tempo virtual, da interatividade, no qual as histórias podem ser transformadas e recriadas a partir da junção de imagens, sons e vozes.
Espaço	Espaço presente, amplo que propicia o encontro com o outro, bem como, o ver e sentir a performance do narrador.	Espaço virtual, telemático, no qual narrador e ouvinte estão separados por uma tela. O espaço é limitado, pequeno em que o narrador deve se adaptar.
Voz e Gestos	Voz poética que ecoa som grave, melancólico, alegre, baixo e que articulada aos gestos é capaz de atribuir vida à história, despertar a curiosidade e interesse em ouvir a narrativa e transportar os leitores de	A voz continua sendo um recurso indispensável na narração de histórias em ambientes virtuais, no entanto, a este é acrescentado, sons produzidos, imagens intuitivas e recursos tipográficos visuais (negrito, sublinhado, dentre outros) na escrita de palavras

	um lugar para outro por meio da imaginação.	
Memória	Humana: guarda aquilo que foi significativo na hora da narração, além disso, é seletiva e criteriosa, pois só guarda aquilo que atribuiu sentido.	Física: guarda apenas aspectos significantes que podem ou não ter sentido a partir do suporte em que a história está sendo mediada. No entanto, não é seletiva, pois as leituras acessadas ficam no histórico do computador e podem aparecer com um clique nosso.
Recepção	A construção de significados por parte do leitor se dá através do corpo, dos gestos do narrador e do espaço em que ele e os ouvintes estão inseridos.	A produção de sentidos se dá também pela organização dos aspectos visuais, imagéticos e/ou audiovisuais no sistema, que surgem por sua vez, pelo uso do mouse e barra de rolagem de um computador, por exemplo.

Fonte: construído pela pesquisadora de acordo com Busatto (2013)

Portanto, a contação de história é capaz de sensibilizar, emocionar, humanizar e aproximar os diferentes povos e culturas, porque fala das lutas, guerras, vitórias e derrotas que passamos ou que iremos passar. E, embora, tenha se adaptado às mudanças ocorridas na sociedade e não seja valorizado como deveria, o ato de contar e ouvir histórias continua vivo e indispensável até os dias de hoje. Então, contar uma história é fazer com que um mundo de possibilidades se abra para quem a escuta e a aprecia; é oportunizar ao leitor o conhecimento de diversos lugares, pessoas e culturas; é criar um espaço de diálogo, no qual os leitores/ouvintes podem expressar seus ideais, opiniões e críticas e construir uma releitura da obra (Bezerra, 2020).

Entre a tela e o livro: desafios na formação de leitores no contexto remoto

Com o intuito de identificarmos os impactos da pandemia no trabalho com a literatura nos primeiros anos do Ensino Fundamental, encorajamos as professoras colaboradoras da pesquisa a relatarem as implicações desse

momento atípico no planejamento e desenvolvimento das práticas de leitura, de contação de histórias na modalidade remota. Sobre isso, as professoras afirmaram:

Quadro 2 – Impactos da pandemia da Covid-19 no desenvolvimento de práticas de leitura

PROFESSORA	IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS PRÁTICAS DE LEITURA
Alice	[...] o que impactou foi isso: o tempo limitado [...] as leituras deleite, que antes eu realizava todo dia no presencial, ficaram um pouco restritas para um dia na semana, no máximo dois, com a participação da bibliotecária também. Porque ou eu focava mais na leitura, pois isso leva um tempo para discutir, ver o que que eles acham que vai acontecer na leitura, fazer a contação, depois retomar o que foi lido, o que eles acharam. [...] Aí não tinha história todo dia, mas quando não tinha história, eu sempre colocava um vídeo [...] para as pessoas que não assistiram a aula terem esse contato com alguma história relacionada a algum conteúdo. Uma história que desse certo para eles assistirem e sempre com uma atividade relacionada à interpretação, uma ficha de leitura também com essa característica. [...] como a gente tinha um tempo limitado de atividades, ela acabava sendo uma leitura mais com a finalidade de aprendizado, que tem uma atividade de retorno para mim, no caso. E aí acabava ficando assim, um pouco mais voltado para dentro do conteúdo, para usar como uma ferramenta, como uma metodologia dentro do que eu estava trabalhando [...]
Pollyanna	O que eu achei que atrapalhou muito foi o acesso [...] todo dia tinha história [...] O acesso foi muito restrito às histórias por causa da participação e do tempo também, porque... quando chegava em 40 minutos, “tia falta muito? Já está descarregando”! Era muito difícil!

Fonte: Trecho de enunciado das professoras colaboradoras – Entrevista coletiva, 2021

A professora **Alice** menciona em sua fala que o maior impacto da pandemia, do ensino remoto no planejamento e desenvolvimento das atividades voltadas para a formação de leitores, foi respectivamente, a necessidade de selecionar às histórias de acordo com os conteúdos a serem abordados e o tempo limitado das aulas. Tal implicação, na experiência da professora, fez com que as contações de histórias fossem realizadas com menor frequência, isto é, uma prática que, no ensino

presencial, era diária e realizada para despertar o prazer pela leitura, passou a ser realizada apenas uma ou duas vezes na semana, com objetivos didáticos.

Por outro lado, **Pollyanna** afirma que todos os dias tinha história e que o fator de maior implicação, além do mencionado por **Alice**, foi a falta de acesso às aulas pela grande maioria dos alunos, visto que, de uma turma de 28 alunos, apenas 8 participavam das aulas síncronas. O tempo limitado, apontado pelas professoras, se relaciona ao tempo da aula síncrona, ou seja, ao momento em que ambos (professora e alunos) estão interagindo simultaneamente em um mesmo espaço virtual. Na aula presencial, os educandos permanecem no mínimo 4h na escola, porque de certa forma, há estrutura física e material, assim como, recursos humanos para isso.

Por outro lado, no ensino remoto, o acompanhamento das aulas e a realização das atividades dependem, principalmente, da disponibilidade dos alunos e seus familiares que, por sua vez, ficam à mercê das poucas condições sociais, financeiras e culturais, pois nem todos dispõem de internet, aparelhos eletrônicos com grande espaço de armazenamento e pessoas que os orientem e ajudem na execução das tarefas, na leitura das histórias.

Na fala de **Alice**, identificamos que há uma preocupação por parte da educadora, em desenvolver um trabalho responsável com a literatura, visto que relata que há todo um processo na hora de narrar uma história: (i) levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; (ii) realização da contação de histórias; (iii) retomada da narrativa e abertura do espaço para os alunos dialogarem sobre a história.

Nessa afirmativa, a professora aponta o método com que medeia as contações de histórias: o da andaimagem de Graves, Graves (1995). A

escolha do método é um fator indispensável na hora de planejar a contação de histórias, pois a partir da seleção do método, o professor/mediador/contador de histórias poderá contextualizar e problematizar a narrativa com a realidade dos ouvintes e traçar os objetivos da contação de histórias após a leitura sensível do texto.

O método de andaimagem aponta que, para que haja sucesso na leitura, é preciso seguir três passos importantes na fase da implementação: pré-leitura, durante leitura e pós-leitura. Fazendo isso, o narrador estará valorizando os conhecimentos prévios, as leituras anteriores, os gostos e preferências dos leitores/ouvintes, ampliando o repertório de histórias e abrindo espaço para interpretação e reconstrução da história de modo crítico e criativo (GRAVES; GRAVES, 1995).

Com isso, percebemos que o trabalho com a formação de leitores é sério, complexo e necessita de um preparo para se concretizar. Não podemos negar que para realizar uma boa contação de histórias e favorecer momentos significativos com as histórias, leva muito tempo, principalmente, quando estamos falando de uma mediação de histórias realizada em um ambiente virtual, no qual há interação, mas não há o contato físico, o envolvimento e a emoção que tem uma história contada presencialmente.

No entanto, também não podemos deixar que a voz que encanta, cria imagens e brinca com as palavras e seus ritmos e sons deixe de existir por causa dos desafios impostos pelo ensino emergencial, pois assim, estaríamos negando aos alunos o direito à literatura, ao lazer propiciado pelas histórias. Amarilha (2012) afirma que quanto maior for o contato dos alunos com as histórias, com o universo literário e com uma mediação adequada, maior a familiaridade com a linguagem simbólica e o gosto pela leitura.

Através de uma contação de histórias, o narrador poderá propiciar aos ouvintes a descoberta de novos ambientes, contextos, culturas, personalidades, atitudes e jeitos de viver, bem como, aprender sobre diversos assuntos no âmbito da história, geografia, ciências, política e tantas outras áreas do conhecimento. Mas sem precisar saber tais nomenclaturas e que a mediação se pareça com uma aula expositiva, porque, se assim for, deixa de ser literatura, deixa de ser incentivo ao gosto e prazer pelos textos literários e passa a ser aula, a ser didática, cuja preocupação maior não é a de possibilitar a entrada no mundo do faz-de-conta (ABRAMOVICH, 2004).

Além do fator tempo limitado ter sido citado como justificativa para a diminuição na frequência da realização das contações de histórias nas aulas remotas, as professoras, quando relataram suas experiências com as narrativas em tela, sem o contato físico com os alunos, acabaram mencionando a dificuldade em gravar e editar os vídeos, em ouvir a própria voz e visualizar sua imagem.

Quadro 3 – Dificuldades encontradas nas experiências com as narrativas em tela

PROFESSORA	DIFICULDADES ENCONTRADAS
<i>Pollyana</i>	[...] no ano passado {2020} eu não contei muita história, não gravei muito, porque eu não suportava me olhar e ouvir minha voz. Eu cheguei a ter início de ansiedade, porque ficou difícil, sabe?

Fonte: Trecho de enunciados da professora Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

A pandemia da COVID-19 impactou significativamente o sistema educacional à medida que exigiu a reinvenção docente e o desenvolvimento de um ensino que acontecesse remotamente e que ao mesmo tempo, fosse ativo e no mínimo acessível. No entanto, apesar de toda essa “preocupação”, lacunas nas condições de trabalho dos

professores, como por exemplo, infraestrutura, recursos materiais e humanos, formação adequada, dentre outros, ficaram esquecidas.

Gravar e editar vídeos não estava no planejamento e, tampouco, nas rotinas pedagógicas das professoras, antes da pandemia. Mas, com a adesão ao ensino remoto, essa prática, a princípio, sobretudo, nas experiências das colaboradoras da pesquisa, já que em 2020 o contato com os alunos se deu, principalmente, pelas aulas assíncronas, tornou-se recorrente e necessária, visto que era uma das principais alternativas para que os alunos tivessem acesso às histórias, a construção de conhecimentos. A não familiaridade com os artefatos tecnológicos e a falta de formação mínima para lidar com as novas formas de interação social causou angústia, medo e até problemas psicológicos em professores do mundo inteiro.

Nesse sentido, **Pollyanna** relata que não gravou muitos vídeos de contação de histórias porque tinha dificuldade de se ver e ouvir nos vídeos, motivo pelo qual desenvolveu uma ansiedade. Sabemos que as implicações na saúde mental dos professores não surgiram somente a partir da pandemia, mas observamos que houve um agravamento e impacto maior devido as mudanças repentinas, incertezas, exaustão e angústias que a pandemia trouxe para todos. Acreditamos que com o ensino remoto, educadores como **Pollyanna**, preocupados em fazer o melhor, com as condições que dispunham, ficaram ainda mais sobrecarregados, visto que além das aulas remotas, existiam fichas e planilhas para serem preenchidas e constatar a realização do trabalho remoto, bem como, a vida e os problemas pessoais.

Embora a maioria dos professores e alunos utilizassem alguns artefatos tecnológicos, não o faziam com fins pedagógicos, e sim para se entreter. Porém, quando confrontados com a obrigatoriedade do uso das tecnologias para mediar as práticas pedagógicas, os professores

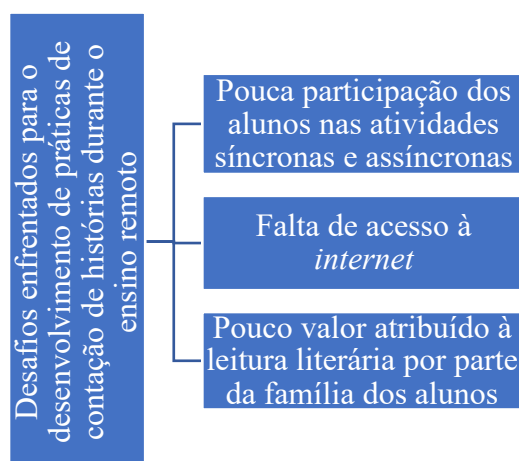
encontraram dificuldades, pois estavam adentrando em um universo diferente, no qual novas competências e habilidades são exigidas (ALVES, 2020). A exemplo dessas novas habilidades, **Alice** menciona a edição de vídeos (cortes; inserção de imagens e músicas; mudança de formato para publicação em diferentes plataformas e redes sociais) e compartilhamento no *YouTube*. Torna-se visível a necessidade, ainda que enfrentando dificuldades, de discutir a formação de leitores a partir do uso das tecnologias, principalmente porque grande parte dos leitores, leem e interagem na rede.

Amarilha (2012), aponta que a contação de histórias deve ser realizada pelos professores em sala de aula (física ou virtual) com o objetivo de ampliar a capacidade dos alunos em reconhecer e apreciar aspectos da linguagem literária, atribuir sentido e significado às histórias e a sua existência e enriquecer a bagagem do leitor, de modo, a introduzi-lo as convenções da língua escrita. Ouvir histórias é o início da trajetória leitora, pois é ouvindo as histórias que somos atraídos ao livro e convidados a ver, ouvir e sentir o mundo com os olhos da imaginação (ABRAMOVICH, 2004).

Nesse contexto, no ensino presencial, muitos obstáculos, como por exemplo, o entendimento da contação de histórias como uma perda de tempo, um recurso utilizado para moralizar e/ou acalmar os alunos, e uma prática que dispensa planejamento, eram erguidos para dificultar a realização da contação de histórias como um momento enriquecedor de aprendizagens em sala de aula. No ensino remoto, tais desafios tornaram-se ainda maiores, porque somado aos obstáculos mencionados acima, existia a dificuldade de manusear a tecnologia com fins pedagógicos e de interação colaborativa, pois um grande número de professores não tinha familiaridade com os aparatos tecnológicos, com as diversas redes sociais e plataformas digitais.

Reconhecendo que em todo caminho existem pedras a serem retiradas para melhor travessia, **Alice** e **Pollyanna** mencionaram, em ordem decrescente, os principais desafios enfrentados por elas, para oportunizar aos alunos o contato com as histórias, de modo a despertar o gosto e o prazer pela literatura. Na figura abaixo, apresentamos a síntese das informações:

Figura 01: Desafios enfrentados pelas educadoras para realização de práticas de contação de histórias durante o ensino remoto.



Fonte: construído pela pesquisadora com base nos dados da Entrevista coletiva (2021).

A situação emergencial instaurada no mundo, em virtude da pandemia, surpreendeu a todos, principalmente, porque tivemos de nos distanciar uns dos outros e evitar frequentar espaços coletivos. Esse contexto impactou significativamente a comunidade, pois as medidas de distanciamento e isolamento social retiraram professores e alunos da escola e principalmente, dificultaram a dinâmica de interação social, gerando medo, dúvida, angústia, sobretudo, nestes últimos, que necessitam da interação, do contato com o outro para melhor se desenvolverem (ALVES, 2020).

O fator participação, segundo as colaboradoras, foi o mais desafiador, pois apenas um número pequeno de alunos participava das aulas. **Alice**, que é professora do 1º ano do Ensino Fundamental, afirma que nas primeiras aulas síncronas, havia uma boa participação dos alunos, mas à medida que foi se estabelecendo uma rotina e os alunos e seus familiares foram vendo a dinâmica das atividades, que estas poderiam ser respondidas apenas seguindo as orientações encaminhadas no grupo do *WhatsApp*, a participação foi diminuindo. A professora lamenta a pouca participação dos alunos no encontro síncrono, visto que acredita que este,

Alice: [...] é o momento que você ia conseguir aprofundar, realmente, os assuntos, conversar (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

As aulas síncronas, por ter a participação simultânea de alunos e professores, acabam se assemelhando às aulas presenciais, com a diferença dos meios pelos quais acontece a interação.

Alice acredita que é na troca dialógica e no contato mais direto com os alunos que o conhecimento é construído e as aprendizagens aprofundadas. Apesar dos encontros assíncronos favorecer o desenvolvimento da autonomia e senso investigativo dos alunos, à medida que estes são convidados a organizar seus horários de estudos e pesquisar sobre os temas sugeridos pelos professores com ajuda dos familiares (no caso dos alunos inseridos nas primeiras etapas da Educação Básica), são nas aulas síncronas, na interação com os seus pares e sob a mediação de um profissional da área, com saberes teóricos e práticos no âmbito da docência, que os alunos dialogam e expressam posicionamentos e dúvidas, e que o educador atua como mediador das aprendizagens, problematizando os questionamentos, esclarecendo as dúvidas e potencializando novos saberes.

Além disso, **Pollyanna**, aponta que os alunos

Pollyanna: [...] que participavam eles estão muito bem, estão no nível mesmo do 3º ano, em todos os sentidos [...] (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Pollyanna ressalta que aqueles que participavam assiduamente das atividades síncronas e assíncronas, obtiveram resultados positivos. O comprometimento dos alunos e da família com as atividades remotas e as condições favoráveis (recursos estruturais, materiais e humanos), para isso, atenuaram os déficits de aprendizagens resultantes da ausência física da escola e dos professores na trajetória escolar dos educandos durante a pandemia.

Tal realidade só reafirma a importância do professor enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem e a necessidade da existência de espaços presenciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas como premissa básica, principalmente nas primeiras etapas da Educação Básica - Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais – (ALVES, 2020). Assim, durante o ensino remoto, ficou evidente que as práticas presenciais de ensino não podem deixar de existir e que a tecnologia não substitui o papel do professor na mediação do conhecimento.

Outro fator desafiador citado pelas educadoras, intimamente relacionado ao pouco envolvimento dos alunos, foi a falta de condições favoráveis para dar continuidade aos estudos de forma remota, dada a realidade social em que muitos alunos estavam inseridos. Sobre isso, as professoras relatam:

Pollyanna: A gente sabe que as condições deles não são boas. (...) Para você ter ideia, [...], a cada mês era um chip novo. Quando pensava que não desapareciam do grupo (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

Alice: [...] A gente sabe que tinha alguns alunos, né Pollyanna, que queriam participar, que eram bons alunos no presencial, mas que a gente sabe que tem uma condição social bem aquém, bem difícil mesmo [...] A gente fez apostila de conteúdos e imprimiu para entregar aos alunos, mas essa parte das histórias a gente não conseguiu chegar, porque a gente não conseguia disponibilizar livros para eles; a biblioteca não estava funcionando; [...] E além disso, eles não tinham esse acesso na internet, no celular para ver YouTube, ver as contações... (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Com a fala de **Pollyanna**, podemos inferir que se manter um chip ativo era uma dificuldade para a família, possuir uma internet de qualidade para a criança assistir as aulas, fazer pesquisas e realizar as tarefas, era ainda mais difícil. Nesse contexto, concordamos com Santos (2020), quando afirma que a pandemia, além de tornar visível a disparidade entre ricos e pobres, entre os que podem e os que não podem usufruir de elementos básicos de sobrevivência, dentre eles o acesso à internet e à literatura, reforça a injustiça e exclui as camadas menos favorecidas.

Como alternativa para amenizar os impactos negativos na aprendizagem dos educandos, resultantes da falta de acesso à tecnologia, **Alice** menciona a produção de apostilas para que os alunos, que não dispusessem de internet, não fossem ainda mais prejudicados, no que diz respeito a aquisição de competências e habilidades necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

Por outro lado, a professora relata que no âmbito da formação de leitores, não foi possível propiciar a estes alunos o contato com as histórias, pois nem eles tinham acesso à internet para visualizar os vídeos com as narrativas, nem a escola pôde disponibilizar os livros, em virtude do fechamento da biblioteca escolar. Resta-nos, pois, alguns questionamentos que poderão problematizar outra pesquisa: Como é

possível favorecer o contato com a literatura aos alunos que se encontram fora da escola e sem acesso à internet? Quais políticas públicas deverão ser criadas e/ou repensadas para assegurar o direito à literatura a todos, independentemente de classe social?

Destarte, fica evidente que ao se pensar sobre o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na mediação das aulas, principalmente, quando falamos de escola pública, é preciso observar os aspectos sociais que envolvem os alunos, para que o professor não contribua com o aumento das desigualdades existentes na sociedade.

A inserção das tecnologias no processo educativo torna-se desafiador, principalmente, pela ausência de políticas públicas que democratizem o acesso às TDIC tanto pelos professores, quanto pelos alunos. Isso porque sabemos que, no contexto da pandemia da COVID-19, não houve preparação por nenhuma das partes, para essa mudança abrupta no ensino.

Com isso, adentramos no terceiro maior desafio enfrentado pelas professoras para propiciar momentos enriquecedores com a leitura através das contações de histórias e livros digitais. Assim como a falta de acesso à internet para acompanhamento das atividades, o pouco valor atribuído à leitura pela família dos alunos, se relaciona com o primeiro desafio elucidado pelas colaboradoras.

Apesar das limitações, percebemos que as educadoras tentam promover atividades que valorizam a literatura, mas a dependência dos alunos inseridos nos primeiros anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de seus responsáveis impedem em algumas vezes, esse contato com as histórias. Esta realidade concretiza-se na fala de **Pollyanna** quando afirma incentivar os alunos a lerem as histórias encaminhadas no grupo do *WhatsApp*, mas que não pode contar muito com a parceria da família:

Pollyanna: [...] Todo dia eu mandava um PDF, um livro em PDF. Aí muitas vezes eu perguntava e eles não tinham visto “a minha mãe apagou” [...] (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

O contato dos alunos com o universo literário, na experiência de **Pollyanna**, era uma prática diária. Contudo, algumas famílias não demonstravam interesse e preocupação em propiciar essa experiência simbólica aos seus filhos, sobrinhos e netos por muitos motivos. Inclusive, as próprias professoras reconhecem que alguns deles estão associados a pouca familiaridade com a leitura. Vejamos:

Alice: [...] a gente tentava, na medida do possível, levar as histórias e conseguir os PDF. Todo mundo ajudava [...] Mas, muitos eram, realmente, o valor que a família não tem, não dá a leitura. E a gente também compreende um pouco esse aspecto, porque são famílias que não tem um nível social muito alto. Então, culturalmente, elas não têm acesso a isso, a essa cultura de ler. (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Pollyanna: [...] a gente sabe que eles {os alunos} não têm esses livros pelas condições e a família não tem esse contato com a leitura. [...] (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Sabemos que, na maioria das vezes, o acesso aos livros é restrito àqueles que podem pagar para usufruir, pois são muito caros. Grande parte dos alunos de escola pública só tem contato com as histórias e com o livro enquanto objeto de desejo, na instituição escolar, a partir da mediação do professor.

A realidade social dos alunos de **Alice** e **Pollyanna** não os permitem possuir livros em casa, cabendo a escola assumir esse papel importante na formação leitora de seus educandos. Ademais, o pouco contato com a leitura por parte dos responsáveis dos alunos, fazem com que alguns não valorizem esse trabalho. Amarilha (2012), aponta que dificilmente alguém

que não é leitor, despertará o interesse no outro em experimentar essa aventura pelo mundo do faz-de-conta, ou seja, somente aquele que gosta de ler, que se aventura pelas histórias e compartilha suas experiências com a linguagem simbólica é capaz de formar leitores, de incentivar o prazer pela leitura.

A leitura na tela: estratégias das professoras para fomentar o gosto pela leitura durante o ensino remoto

Entendemos que a vivência excepcional do ensino remoto, apesar de ter sido frustrante para muitos professores, resultou em novos modos de contar histórias, de mediar a leitura e construir sentido para os textos existentes nos ambientes virtuais. Tal vivência possibilitou pensarmos em aulas que incentivam a investigação, a autonomia dos alunos, o respeito às diferentes opiniões e a produção de textos no ciberespaço, que propiciam por sua vez, o contato dos usuários da rede com uma multiplicidade de linguagens e a construção de sentidos de modo colaborativo e aberto (RIBEIRO, 2020).

A articulação entre o letramento digital e leitura de literatura torna-se uma possibilidade para a formação do leitor na modalidade remota, porque, acreditamos, assim como Silvestre, Nóbrega, Dalla-Bona (2021), que a literatura possui potencial para proporcionar momentos de lazer e prazer e que a mediação de histórias requer conhecimentos teóricos-metodológicos acerca do letramento literário e digital, compreendendo que a cultura digital pode enriquecer a formação de leitores, à medida que possibilita o contato dos educandos com uma multiplicidade de textos, modos e suportes.

Portanto, consideramos que apesar dos inúmeros desafios enfrentados pelas educadoras durante o ensino remoto, a saber: a ausência de

formação e preparo para realização das aulas e contações de histórias remotas, a pouca participação dos alunos nas atividades síncronas e assíncronas, as condições precárias de acesso à internet, o que acaba por evidenciar as desigualdades sociais, e a desvalorização ou pouco valor atribuído à leitura literária pela família, houve comprometimento com a continuidade do trabalho com a literatura, com a formação de leitores, por parte das professoras.

Sendo assim, torna-se imprescindível mencionar as possibilidades encontradas pelas colaboradoras para oportunizar aos alunos o contato com o universo literário a partir da contação de histórias durante o ensino emergencial e relatar como se deu a participação e interação dos educandos neste momento lúdico.

Sabendo, pois, que o contador de histórias da contemporaneidade deve se apropriar dos recursos tecnológicos disponíveis na sociedade e apresentar uma arte que se adeque aos diversos públicos e espaços (BEZERRA, 2020), é que o professor, principal mediador de leitura na escola, torna-se o responsável por buscar estratégias, recursos e técnicas para melhor oportunizar o contato dos alunos com as histórias.

Com a pandemia da COVID-19, todos os segmentos da sociedade tiveram que mudar, se adaptar ou reinventar. No âmbito educacional, os professores foram surpreendidos com a ideia de continuar as aulas a partir do auxílio da tecnologia. Mas como isso seria possível se grande parte dos educadores não foram/estão preparados para usar as ferramentas tecnológicas e suas potencialidades pedagógicas no ensino? Como formar leitores se não temos livros físicos disponíveis para os alunos manusearem? Essas inquietações fizeram com que os educadores, ainda que temendo a experiência do ensino, pesquisassem meios para que o mínimo de qualidade da educação fosse garantido aos alunos. É nesse movimento de adaptação e reinvenção, que as professoras **Alice** e

Pollyanna e tantos outros educadores, estenderam pontes para facilitar o encontro entre aluno-livro literário no contexto atípico da pandemia.

A realização de atividades assíncronas, a necessidade da gravação e edição de vídeos gerou frustração e afetou até mesmo, a saúde mental de uma das professoras. Começou a se pensar em outras formas de chegar até os alunos e a realização de encontros síncronos foi uma das alternativas encontradas pela escola. Além da disponibilização de livros em formato PDF e envio de vídeos de contação de histórias pelo grupo do WhatsApp, as colaboradoras relatam na entrevista, que passaram a contar histórias de forma síncrona, e que esse momento de interação simultânea com os alunos foi a melhor experiência que tiveram durante o ensino remoto. Sobre isso, **Pollyanna** afirma:

Pollyanna: [...] se a gente tivesse, no ano passado, [...] iniciado síncrono, teria sido melhor. Eu achava tão difícil quando falava, mas quando a gente foi para a prática, [Nome da autora], foi muito maravilhoso. Aquela 1h que passava com eles dava para fazer leitura compartilhada, dava para fazer muita coisa [...] (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021, grifo nosso).

Mudar pressupõe movimento, saída do conhecido para o desconhecido. Como não somos os mesmos ao contar uma mesma história mais de uma vez, os modos de compartilhar experiências literárias não são as mesmas após a pandemia, visto que, apesar dos desafios, inúmeras possibilidades foram encontradas para contar, criar e compartilhar histórias.

Os encontros síncronos surgem como uma alternativa para a interação em tempo real entre as professoras e os alunos. E apesar de, no princípio, **Pollyanna** demonstrar receio à mudança proposta, quando vivenciou na prática, soube aproveitar o que tinha de melhor. Fato é, que em sua fala ressalta que em 1h de interação síncrona com os alunos era possível fazer muita coisa, inclusive leitura compartilhada.

O apontamento de **Pollyanna** acerca das possibilidades que se abriram com as aulas síncronas, nos leva a acreditar que contar histórias e compartilhar leituras pelos ambientes virtuais torna-se possível a partir do momento em que enxergamos nas plataformas digitais espaços propícios para construir sentidos, trocar saberes e compartilhar histórias.

Em face disso, podemos afirmar que o trabalho com a literatura se tornou possível na pandemia a partir do momento em que as professoras colocaram a prática de contação de histórias e o compartilhamento de livros digitais e vídeos de narrativas como uma prioridade em suas aulas, como uma necessidade, como um requisito básico para a formação integral dos alunos. Isso porque pensar na contação de histórias de modo virtual requer pensar primeiro, nas artes telemáticas e nas múltiplas linguagens que a envolvem (BUSATTO, 2013).

Segundo a autora supracitada, um caminho possível para que o contar histórias exista no ciberespaço é deixá-la aberta, isto é, apresentá-la de modo que os leitores/usuários da rede interajam com a história e com o narrador, exponham suas impressões e a ressignifiquem de acordo com seus desejos e realidades. Então, foi apresentando as histórias de modo a desencadear interação, troca de ideias e posicionamentos, reconto e discussão, que as colaboradoras passaram a se sentir motivadas a continuar narrando histórias de modo síncrono.

Nesse contexto, a história ganhava vida na voz da professora e novos significados na voz dos alunos, que se sentiam convidados a inferir, expor suas opiniões e recontar do seu jeito, a narrativa. Sobre o aproveitamento e interação dos leitores mirins durante as leituras realizadas pelo *Google Meet* em tempo real e as encaminhadas pelo *WhatsApp*, **Alice** ressalta:

Alice: Nos encontros síncronos todos se envolviam com a contação, com as perguntas antes, as hipóteses faziam bastante, e durante a contação eles também interagiam. E depois, também davam retorno de terem entendido a história. Mas já as atividades, as devolutivas do grupo todo, eram bem poucas as respostas. [...] Eu sentia que no dia que era atividade mais voltada para o livro literário, caía a devolutiva (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

De acordo com Busatto (2013), a narração de histórias ao vivo deve assegurar ao ouvinte seu papel de coautor, de leitor ativo. O relato de **Alice** vai ao encontro do que a autora confirma em seus estudos e experiências com a contação de histórias realizada nos suportes digitais. As narrativas que envolvem performance em tempo real criam interatividade entre narrador e ouvinte, e é isso que traz qualidade para o momento da contação de histórias. Os estudos da autora apontam que as crianças preferem aquelas histórias em que o narrador aparece narrando e que as histórias apenas com áudio e animação (imagens, *gifs*, figurinhas) não provocam tanto interesse.

Sob essa ótica, a fala da professora **Alice** confirma que, enquanto as histórias mediadas no modo síncrono, abriam espaço para o diálogo e para a troca entre os educandos, os momentos de leitura a serem realizados de modo assíncrono não tinham muito retorno e engajamento dos alunos. Os dados provenientes de vários trechos dos enunciados das colaboradoras mencionados nesse trabalho apontam as dificuldades enfrentadas pelas educadoras acrescentamos a falta de um mediador experiente (o/a professor/a), que sente prazer em lê, em falar sobre suas leituras e que empresta a voz para dá vida às narrativas, tornar conhecidos outros povos e culturas e brincar com as palavras.

Fica evidente a importância do contador de histórias como uma ponte que facilita a travessia do ouvinte até a leitura. Seja em um espaço amplo ou diminuto, como a tela de um celular, a presença do narrador é

indispensável para que o maravilhoso se instale e para que a entrada no mundo do faz-de-conta seja possível. Para tanto, o professor enquanto mediador/narrador deve ter conhecimentos teórico-práticos, criatividade e muito preparo para apresentar as histórias de forma adequada em diferentes suportes, sabendo que cada suporte requer estratégias, metodologias e adaptações diferentes.

Afim de tornar a hora da história prazerosa, ainda que através de uma tela de celular ou computador, as professoras mencionaram alguns meios encontrados para atrair a atenção dos alunos e possibilitar a interação entre estes, antes, durante e após a contação de histórias. Vejamos as estratégias utilizadas pelas professoras:

Alice: [...] a gente [...] faz a leitura visual primeiro, antes de tudo. A gente lê as imagens, percebe o que a história está dizendo, o que a capa está tentando transmitir (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Pollyanna: [...] eu gosto de ler, inventar, eu acrescento o que não tem no livro, eu invento falas. [...] eu gosto de imitar, de mudar a voz [...] (Trechos de enunciados de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

No trecho de **Alice**, encontramos a valorização dos conhecimentos prévios dos leitores e o convite para que estes participem da construção de sentidos a partir da narrativa, além disso, não restringe a leitura à decodificação de códigos. Nesse caso, os leitores/ouvintes se tornam coautores da história à medida que são motivados a falar sobre o que pensam, a apresentar suas inferências e interpretações, e a recriar um novo enredo (AMARILHA, 2012).

Os excertos de **Pollyanna** apontam para uma professora que usa seu direito de contadora de história para criar e inventar, mas apesar de o ato

de contar histórias não exigir a presença do livro e aquele que narra ter mais liberdade para criar, desconstruir e interagir com o ouvinte, o narrador não pode substituir o texto, a obra literária por um discurso improvisado ou totalmente adulterado, pois assim, outra história estará sendo criada (SOUZA; MODESTO-SILVA; MOTOYAMA, 2020).

Nesse sentido, **Pollyanna** afirma gostar de mudar a voz na hora em que está contando a história. Sisto (2012) defende que a voz é um prolongamento do corpo e configura-se em um elemento indispensável na contação de histórias, pois através do timbre, da altura e da intensidade se comunica sentimentos e desperta emoções. A participação dos alunos na construção de significados a partir da história e o uso harmonioso da voz na hora da narrativa contribuíram para que houvesse envolvimento e identificação com o texto literário por parte dos alunos.

Além desses elementos, as professoras apontam outras estratégias utilizadas para chamar a atenção dos educandos no momento da narrativa:

Pollyanna: [...] Eu gosto muito de contar ou ler a história, fazendo aquelas paradas e indo fazendo indagações, sabe? E eu sentia que dava certo [...] com os que estavam participando (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

Alice: [...] Sempre na contação eu gostava de ficar em pé, porque aí eu ficava indo para frente, para trás. Não sei se estava atrapalhando a concentração deles ou ajudando a eles ficarem animados [...] (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

O narrar histórias não é fácil, principalmente, quando realizado em ambientes virtuais, pois além de planejamento, habilidade e ensaio para melhor comunicar a narrativa, é preciso dominar minimamente os elementos básicos que congregam qualidade a contação de histórias e

utilizar pedagogicamente os recursos digitais (SISTO, 2012). Tal complexidade e exigência nos leva a defender o investimento na formação inicial e continuada dos professores no âmbito da formação de leitores e do desenvolvimento de práticas de leituras lúdicas que incentivem o gosto pelos livros e despertem o prazer pelas histórias.

Sabendo que narrar uma história não é explicá-la, e que a boa narrativa é aquela que possibilita a construção de sentidos pelos ouvintes, é que analisamos essas duas afirmativas das professoras sob o aspecto formal da contação de histórias (BUSATTO, 2012). Na fase de planejamento, o professor/narrador/contador escolhe/seleciona o texto, o modo, o suporte, os objetivos, os recursos e as técnicas que serão utilizadas na mediação da leitura. Existem diferentes modos de favorecer o contato do leitor com um texto literário, a contação de histórias é apenas um deles.

Pollyanna menciona dois modos de mediar a leitura; o contar e o ler. Contudo, apesar de na maioria das vezes, tratarmos os termos como sendo iguais, ambos se diferenciam. Souza, Modesto-Silva, Motoyama (2020) afirmam que a contação de histórias é uma prática da oralidade com intencionalidade comunicativa e que exige mediação, pois atua como forma de compartilhar um acontecimento com alguém. Para tanto, faz uso da entonação de voz/prosódia, expressões corporais e faciais, performance, recursos e técnicas, bem como não exige o uso do livro e a fidelidade das palavras e da sequência tal como está escrito, porque permite a flexibilidade da linguagem e o improviso. Por outro lado, a leitura de uma história não exige mediação, mas constitui-se um ato executado de forma individual e silenciosamente ou em voz baixa, isto é, é um ato solitário que se dá entre o leitor e o livro.

Somando-se ao contar e ao ler, as autoras abordam o proferir/dizer histórias como um modo de mediar a leitura de literatura. Proferir/dizer uma história é reproduzir o que está escrito no livro, usando as mesmas

palavras e sequência por meio da voz, entonação, expressão corporal, gestual e facial, exigindo a mediação e a presença do livro (SOUZA; MODESTO-SILVA; MOTOYAMA, 2020). Em vista disso e fundamentadas em trechos de falas anteriores, acreditamos que as professoras colaboradoras, apesar de confundirem os termos que se referem aos modos de mediar as histórias, realizam ora a contação de histórias, ora a proferição, assim como também oportunizam momentos de leitura, no qual os alunos são convidados a ler e interpretar a história individualmente.

Outro aspecto que chama a atenção na fala de **Pollyanna** é o fato de fazer questionamentos aos alunos no decorrer da narrativa. Apesar da professora apontar a utilização das pausas para questionamentos no decorrer da história como positiva, acreditamos assim como Busatto (2012), que narrar uma história é possibilitar a entrada dos leitores no universo imaginário, onde tudo é possível. Permitir comentários ou qualquer outra interrupção na hora da contação de história seria romper com a magia criada pelo “era uma vez”. Para que isso não ocorra, é preciso que o professor firme acordos, eduque o ouvido para a escuta atenta e sensível e olhe carinhosamente para os ouvintes como se estivesse dizendo que após a contação de histórias abrirá espaço para o diálogo.

A professora **Alice**, por outro lado, menciona em seu relato um detalhe importante na hora de contar uma história: a postura física de quem conta. Segundo Busatto (2012), não há uma postura fixa que favoreça o sucesso de uma narrativa, pois a forma ideal é aquela que deixa o narrador mais confortável. Porém, a autora lembra que quando o mediador escolhe contar a história em pé, esse, precisa atentar-se para sua movimentação, que não deve ser excessiva, pois poderá causar dispersão nos ouvintes e retirar o encantamento e força do texto.

Sabendo que os gestos, as expressões corporais são tipos de linguagem, possíveis de leitura e interpretações e a contação de histórias se enriquece com o uso espontâneo e criativo dessa linguagem (SISTO, 2012), é que problematizamos o uso desses elementos na contação de histórias no formato virtual, pois como defende Busatto (2013), no ambiente digital, o movimento do contador de histórias deve ser pequeno, diminuto, pois caso contrário extrapolará os limites da tela. Sendo assim, o narrador deve investir principalmente, nas expressões faciais e gestos pequenos que carreguem significados e transmitam emoções.

Desta forma, as alternativas encontradas pelas professoras para promover o gosto pela leitura no contexto pandêmico revelam a resiliência e a criatividade do trabalho docente diante de desafios inéditos. A adaptação das práticas de mediação literária, por meio das aulas síncronas, do envio de materiais em formato digital e do uso da performance narrativa, como a modulação da voz, demonstrou não apenas a relevância da literatura para a formação humana, mas também o papel central do professor como mediador desse processo. Essas estratégias evidenciam que, mesmo em condições adversas, como a pandemia, é possível manter a literatura viva e acessível aos alunos, reforçando o vínculo entre a leitura, a imaginação e o aprendizado.

Considerações finais

As práticas de leitura com ênfase na contação de histórias, recurso fundamental para a formação de leitores, enfrentou desafios significativos durante o ensino remoto imposto pela pandemia da Covid-19. As professoras colaboradoras relataram como a transição abrupta para o ambiente virtual expôs barreiras relacionadas ao acesso à tecnologia, à formação docente para o uso de plataformas digitais e à realização das aulas, dada a restrição do tempo de aulas síncronas. Tais desafios não apenas restringiram o alcance das práticas literárias, como também

evidenciaram as desigualdades estruturais que permeiam o ensino público no Brasil.

Apesar dessas dificuldades, a pesquisa destaca a capacidade adaptativa e a criatividade das professoras no desenvolvimento de atividades que fomentem o gosto pela leitura. Estratégias como a realização de aulas síncronas com contação de histórias, o envio de obras literárias em formato PDF e a performance narrativa com modulação de voz surgiram como soluções viáveis para manter a literatura presente no cotidiano dos alunos. Essas práticas não além de reforçarem a importância da mediação literária, promoveram momentos de lazer e deleite com as histórias, buscando instigar a imaginação e criatividade dos alunos, mesmo em condições adversas.

Os relatos também sublinham a centralidade do professor enquanto mediador e ponto de conexão entre os alunos e a literatura. Ao adaptar suas práticas, as professoras contribuíram para que as histórias se transformassem em ferramentas de aprendizagem, lazer e conforto emocional em um período de grande incerteza. No entanto, os dados levantados indicam a necessidade de políticas públicas que garantam maior suporte técnico, formação continuada e acesso equitativo a recursos tecnológicos, ampliando o alcance das práticas de leitura.

Concluimos, assim, que a experiência do ensino remoto, apesar de desafiadora, deixou legados importantes para a educação literária, pois reforçou a relevância de investir em práticas inovadoras e em suporte adequado para os educadores, de modo a assegurar o direito universal à leitura e a formar leitores críticos, criativos e preparados para atuar em diferentes contextos. A literatura, por meio da contação de histórias, provou ser uma ponte essencial entre o aprendizado e a experiência pessoal dos sujeitos, consolidando assim, seu papel formativo e lúdico que transcende as gerações e as adversidades impostas pelos cenários sociais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, v. 8, n.3, 2020. p. 348-365
- AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BEZERRA, Keutre Gláudia da Conceição Soares. **Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas-BALE**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FARIAS, Carlos Aldemir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: PRIETRO, Benita. **Contar histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- GRAVES, Michel F, GRAVES, Bonnie B. **The scaffolded reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text**. In: Reading, UK: Blackwell Publishers e The United Kingdom Reading Association, 1995.
- SILVESTRE, Douglas Zeferino; NÓBREGA, Joelma Rodrigues Paes; DALLA-BONA, Elisa Maria. Possibilidades e desafios na formação do leitor literário em ambientes digitais. In: FOFONCA, CAMAS, Eduardo; VILARDELL, Nuria Pons (org.) **Dos letramentos aos multiletramentos: percursos históricos e práticas escolares na cultura digital**. Rio de Janeiro: BG Business Graphics Editora, 2021. p. 117-136.
- SOUZA, Renata Junqueira de; MODESTO-SILVA; Kenia Adriana de Aquino; MOTOYAMA, Juliane Francischetti Martins. **Ler e ensinar: contar e dizer histórias**. Presidente Prudente, SP: CdeA Campos Editora, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, e02011, 2020.

NOTAS DE AUTORIA

Aparecida Suiane Batista Estevam (suianeprof21@gmail.com): Graduada em Pedagogia (2019) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Futura. Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UERN). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do processo Ensino-aprendizagem (GEPPE/UERN). Professora contratada na rede municipal de ensino do município de Pau dos Ferros/RN e Especialista em Educação (supervisora) na Escola Estadual Patronato Alfredo Fernandes em Pau dos Ferros/RN. Voluntária do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE). Atua na área de Leitura, Formação do Leitor e Mediadores de leitura, Literatura Infantil, Contação de histórias, Formação Docente e Práticas Pedagógicas.

Diana Maria Leite Lopes Saldanha (dianalsaldanha@yahoo.com.br): Possui graduação em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1998), mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2013) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018). Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2022). Professora do Departamento de Educação - DE e do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus de Pau dos Ferros - CAPF. Coordenou o PPGE/CAPF/UERN, biênio 2024-2025. Coordenadora do Projeto de extensão BALE Formação. Atua na área de Formação Docente, ensino-aprendizagem, currículo, ensino de literatura, leitura, literatura infantojuvenil, formação do leitor, mediação de leitura.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

ESTEVAM, Aparecida; SALDANHA, Diana. Contação de história e ensino remoto: desafios e possibilidades na formação de leitores durante a pandemia da covid-19. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 270-306, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 08 de janeiro, 2026.

Aprovado em: 08 de julho, 2026.

Publicado: 04 de setembro, 2026.